

# 50 anos depois, Amílcar Cabral está esquecido e está na moda

**P** [publico.pt/2023/01/14/mundo/noticia/50-anos-amilcar-cabral-esquecido-moda-2035088](https://publico.pt/2023/01/14/mundo/noticia/50-anos-amilcar-cabral-esquecido-moda-2035088)

Bárbara Reis



Uma aposta: nunca estive num colóquio de académicos onde a assistência e os oradores riram e choraram. Foi o que aconteceu nos dois dias de *Amílcar Cabral e a História do Futuro*, que encheu um auditório da Assembleia da República, em Lisboa, e que, por ter esgotado a lotação, foi transmitida em *live streaming* no Facebook.

Cinquenta anos após o seu assassinato, a 20 de Janeiro de 1973, em Conacri, Cabral, líder da luta pela independência de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, emociona, une e divide.

“Ele é incómodo, representa inquietação. Por isso ainda o estudamos”, disse Pedro Pires, comandante da luta armada ao lado de Cabral, que foi primeiro-ministro e Presidente de Cabo Verde após a independência. Para Pires, “Cabral teve um papel histórico singular: a aceleração do passo do tempo histórico.” O que é isso? “É quando vamos mais depressa e, em vez de marcharmos, corremos.”

A conferência começou na sexta-feira com um discurso de Augusto Santos Silva, presidente do parlamento, e acabou este sábado com uma performance de Prétu, estrela do *hip hop* português, e uma festa no B.Leza. Foi organizada pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, o Instituto de História Contemporânea (NOVA-FCSH) e a Cultra.



Foto

Manifestação de protesto na Holanda contra o assassinato de Amílcar Cabral DR

Dos trabalhos, emergiu o Cabral complexo e contraditório que fez os títulos dos obituários dos jornais internacionais após o assassinato: “rebelde gentil”, “diplomata combatente”, poeta e agrónomo, guerrilheiro moderado, líder que “fala suavemente, mas fala a linguagem da revolução”, “humanista radical”, homem da acção e da teoria, intelectual que escreveu 106 textos, uma “taxa de produtividade” que tê-lo-ia feito um “candidato ideal a professor catedrático” na Universidade de Oxford, disse o historiador Mustafah Dhada.

Emergiu também o contraste entre o esquecimento que muitos sentem existir hoje na Guiné-Bissau em relação a Cabral e o *boom* do interesse que desperta na academia.

## Cabral esquecido?

---

Na Guiné-Bissau, Cabral é “ignorado e esquecido” e não é uma referência para os jovens (disse Carlos Cardoso, investigador e fundador do Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral). Há um “apagamento na esfera pública” (disse Sílvia Roque, professora de Relações Internacionais na Universidade de Évora). A sua fotografia saiu das notas, o seu nome saiu da toponímia e nem o aeroporto de Bissau tem o seu nome — chama-se Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira.

Muitos notaram também que o Mausoléu Amílcar Cabral está na fortaleza José de Amura, em Bissau, onde está o Museu Militar — e objectos que Cabral usou nos anos da luta armada — e como até essa homenagem o esconde. Na fortaleza funciona o Estado Maior das Forças Armadas guineense e, por isso, para se visitar o mausoléu, “é preciso pedir autorização aos militares” (disse o sociólogo guineense Miguel de Barros).

Da assistência, Gerhard Seibr, antropólogo alemão, contou como ficou surpreendido quando, em 2006, foi a Bafatá, na Guiné-Bissau, ver a casa onde Cabral nasceu. “Estava completamente abandonada, a cair, com uma árvore a crescer por dentro, que já tinha rebentado o telhado.” Seibr também foi visitar o mausoléu e notou o “descuido”, “tudo cheio de poeira”, e viu que, “ao pé do mausoléu, estava uma caixa de madeira, uma oferta de Cuba, com uma estátua de Cabral, e era óbvio que estava ali há anos.”

Jovens guineenses na assistência discordam e sublinham que Cabral está, pelo contrário, bem presente na Guiné-Bissau: do rap aos murais, da nova poesia aos debates dos jovens e dos políticos, das T-shirts com o seu rosto a *memorabilia* pop diversa, Cabral está vivo, dizem. Duas intervenções de académicos, de Barros e de José Neves, historiador da Nova, mostraram isso.



Foto  
 Capa do Nô Pintcha, jornal do PAIGC, de 4 de Setembro de 1976, sobre a trasladação do corpo de Cabral de Guiné-Conacri para Guiné-Bissau DR

## Consenso? Nem sobre a morte

Quando se fala de Cabral, há pouco consenso e há muitas dúvidas e nuvens. Ainda se discute quem o matou — sabe-se que foram colegas do próprio PAIGC que dispararam os tiros. E que papel teve a PIDE e o Estado colonial português? O tema continua aberto.

O comandante Pires, assim tratado por muitos, foi taxativo: o assassinato “vil”, “criminoso”, “miserável” e “ignóbil” de Cabral foi “comanditado pelo Governo colonial e organizado pelos sequazes da PIDE/DGS [Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Direção-Geral de Segurança] e demais agentes do colonialismo, planeado enquanto última ‘solução militar’ de salvação do império em risco de derrocada.”

O jornalista José Pedro Castanheira, que investigou o crime durante anos, disse que, nos arquivos, não se encontram provas disso e contou que, quando apresentou o seu livro sobre o crime em Cabo Verde, foi acusado de tentar “branquear” o papel de Spínola e da

PIDE/DGS.

A historiadora Ângela Coutinho, da Nova, pediu “muita atenção às fontes”, porque há arquivos em África que nunca foram estudados, muitos documentos foram destruídos e a omissão nos arquivos da PIDE não é sinónimo de não envolvimento. “Durante dez anos, a PIDE fez conjecturas sobre o assassinado de Cabral e, quando o crime se dá, não encontramos nenhum comentário sobre isso. Estes silêncios interpelam-nos. Há limpezas de fontes, há coisas que não são ditas.”

Foi Coutinho quem trouxe o tema do *boom* na academia, que não se repercute na representação ocidental da Guiné-Bissau, dominada pelo desapontamento e o rótulo de “Estado falhado” e “narco-Estado”.



Foto

No Jardim da Estrela, em Lisboa, em 1947/48, com colegas no tempo em que estudava Agronomia na Universidade de Lisboa DR

Na academia é o oposto. Há alegria e entusiasmo. Entre 1963 e 2020, foram publicados 450 trabalhos científicos sobre Cabral, do Egipto à Suécia, passando pela Austrália e o Japão, muitos dos quais são recentes. “Já se fala-se do ‘renascimento de Cabral’”, disse Coutinho.

“Houve um surto nos últimos 15 anos, com uma média de dez artigos científicos publicados por ano sobre o legado de Cabral. Já existe o conceito de ‘cabralismo’. Cabral continua a ser estudado por políticos e activistas e, na academia, é estudado em história, ciências políticas, ciências sociais, estudos africanos, estudos estratégicos, filosofia, antropologia em dezenas de universidades.” Um investigador está a estudar a relação entre Cabral e Aristóteles, outro publicou um ensaio que a historiadora gostava de ler, mas é em japonês e ainda não foi traduzido.